



INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS - IHL

BACHARELADO EM HUMANIDADES

**POR UMA POÉTICA DA ALTERIDADE COMO VIA DE DESCOLONIZAÇÃO  
MENTAL NO ROMANCE *O ÚLTIMO VOO DO FLAMINGO*, DE MIA COUTO:  
UMA LEITURA ANTROPOLÓGICA**

**LUIZ ANTONIO DE SOUSA SILVA**

**REDENÇÃO - CE**

**2017**

**POR UMA POÉTICA DA ALTERIDADE COMO VIA DE DESCOLONIZAÇÃO  
MENTAL NO ROMANCE *O ÚLTIMO VOO DO FLAMINGO*, DE MIA COUTO:  
UMA LEITURA ANTROPOLÓGICA**

**LUIZ ANTONIO DE SOUSA SILVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Bacharel.

Orientador: Prof<sup>o</sup>.Dr. Luís Tomás Domingos

**REDENÇÃO - CE**

**OUTUBRO 2017**

**LUIZ ANTONIO DE SOUSA SILVA**

**POR UMA POÉTICA DA ALTERIDADE COMO VIA DE DESCOLONIZAÇÃO  
MENTAL NO ROMANCE *O ÚLTIMO VOO DO FLAMINGO*, DE MIA COUTO:  
UMA LEITURA ANTROPOLÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Bacharel.

Aprovado em: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Luís Tomás Domingos/UNILAB  
Orientador

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Andrea Cristina Muraro/UNILAB  
Membro

---

Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Carlos Subuhana/UNILAB  
Membro

### **Resumo:**

Com esse projeto de pesquisa, objetivamos analisar como o período pós-independência de Moçambique é representado na obra de Mia Couto. Nosso trabalho de pesquisa visa tematizar, analisar e aprofundar a questão da importância e influência da poética de Mia Couto como via de representação no processo de descolonização de Moçambique. Temos, como foco ou campo de pesquisa, o processo de descolonização mental em Moçambique representado no romance *O último voo do flamingo* (2005), do escritor Mia Couto. Nesse sentido, buscaremos analisar como o autor trabalha em suas obras a relação entre os fatos históricos e a tradição oral pela qual esses fatos são passados de geração em geração e como esse material ganha espaço, criticidade, beleza e atualidade por meio da narrativa literária enquanto arte e enquanto registro escrito do processo histórico, social e antropológico de um país em vias de descolonização, pós-independência e autoafirmação enquanto Nação.

**Palavras-chave:** Moçambique. Mia Couto. Descolonização. Alteridade.

## **SUMÁRIO**

INTRODUÇÃO: .....	06
OBJETIVOS.....	11
JUSTIFICATIVA.....	13
REVISÃO DE LITERATURA.....	21
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	23
METODOLOGIA.....	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30
ANEXOS.....	33

## 1. INTRODUÇÃO

Ao sermos donos das palavras somos mais donos da nossa existência. (COUTO, 2011, p. 97).

A literatura é, para todos os efeitos, um processo de reescrita, quer de outras escritas quer do mundo de que se faz parte. (NOA, 2015, p.112).

A leitura do romance *O último voo do flamingo*, de Mia Couto<sup>1</sup> (2005), despertou-nos a necessidade da busca de uma releitura das realidades africanas, leitura esta que propicie um discurso alternativo às narrativas ocidentalizadas que moldaram nossa visão interpretativa do continente africano, limitando-a, pois errônea e distante da originalidade e pluralidade dos diversos contextos históricos-culturais-antropológicos do referido continente. Pois como bem salienta Thomas Bonnici: “A leitura de textos ficcionais pós-coloniais e de teoria pós-colonial oriundos de autores nascidos em ex-colônias já é um indício e um fator importante de um discurso alternativo” (2005, p.197). A percepção desta necessidade e a questão da alteridade, especificamente em relação a Moçambique, hoje perfazem a estrutura basilar desse projeto de pesquisa, além de nos ter motivado no aprofundamento de nossos estudos.

Nesse sentido, estamos de acordo com Valentin Yves Mudimbe quando em seu livro “A invenção da África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento”, o referido autor realiza uma análise crítica sobre o “Discurso do poder e conhecimento da alteridade”, com a seguinte reflexão:

A disputa por África, no período mais intenso da colonização, durou menos que um século e envolveu uma grande parte do continente africano, entre o final do século dezanove e meados do século vinte. Embora a experiência colonial, quando olhada a partir da perspectiva actual, represente apenas um breve momento na história africana, a verdade é que se trata de um período ainda contestado e controverso, pois significou uma nova configuração histórica e a possibilidade de tipos de discursos completamente novos acerca das tradições e culturas africanas. (MUDIMBE, 2013, p. 15).

---

<sup>1</sup> Antônio Emílio Leite Couto (Nascido em 1955 na Beira, em Moçambique), mais conhecido como Mia Couto, é jornalista, escritor e biólogo. Atualmente, é tido como o autor moçambicano mais traduzido e divulgado no exterior e um dos autores estrangeiros com mais livros vendidos em Portugal. As suas obras são também traduzidas e publicadas em 24 países. Em 2013, foi escolhido para o Prémio Camões, o mais prestigioso da língua portuguesa, e, em 2014, recebeu o Neustadt Prize. É membro correspondente da Academia Brasileira de Letras. E também um dos escritores cotados a concorrer ao Nobel de Literatura.

Para fins do escopo da pesquisa do referido projeto, buscar-se-á desenvolver o seguinte tema: “Por uma poética da alteridade como via de descolonização mental no romance *O último voo do flamingo*, de Mia Couto: uma leitura antropológica”. Para tanto, intenciona-se identificar e analisar os aspectos de descolonização mental em Moçambique presentes na narrativa literária do referido romance.

A fim de contextualizar o nosso objeto e apresentar um pouco o cenário da pesquisa, nos valem das palavras do próprio escritor Mia Couto, ao se referir ao romance por ele escrito:

Enquanto escrevia o meu romance *O último voo do flamingo* viajei pelo litoral do sul de Moçambique à procura de mitos e lendas sobre o mar. Mas tal não aconteceu. Dificilmente havia histórias ou lendas. O imaginário destes povos pertencia invariavelmente à terra firme. Apesar de habitarem o litoral, os seus sonhos moravam longe do oceano. (COUTO, 2011, p. 104-105).

É nesse sentido das referidas palavras de Mia Couto sobre o processo de busca de mitos e lendas que antecederam a escrita do romance, que podemos inferir que na sua intenção de representar o contexto histórico do sul de Moçambique através de sua narrativa romanesca, o escritor realiza um trabalho de escuta, visão e reflexão que antecede a escrita propriamente dita, o que lhe possibilita uma aproximação daquela região. Assim, essa perspectiva aproximativa lhe dá uma melhor percepção e um maior entendimento da cultura, da língua, das dificuldades e dos sonhos dos habitantes daquele território:

Aos poucos fui entendendo – aquelas zonas costeiras eram habitadas por gente que chegou recentemente à beira-mar. São agricultores-pastores que foram sendo empurrados para o litoral. A sua cultura é a da imensidão da savana interior. Em suas línguas não existem palavras próprias para designar barco. O pequeno barquinho toma o nome a partir do inglês – *bôte*. O navio grande é chamado de *xitimela xa mati* (literalmente, “o comboio da água”). O próprio oceano é chamado de “lugar grande”. Pescar diz-se “matar o peixe”. Deitar a rede é “peneirar a água”. As armadilhas de pesca são construídas a semelhança daquelas usadas na caça. Os territórios de colecta de mariscos na praia são parcelados e sujeitos a pousio, exactamente como se faz nos terrenos agrícolas. Ao contrário do que sucede no centro e no norte de Moçambique, estes povos pescam sem serem pescadores. São lavradores que também colhem o mar. O seu assunto continua sendo a semente e o fruto. Os seus sonhos moram em terra e os deuses viajam pela chuva. (COUTO, 2011, p.105).

É com base nesse contexto histórico, social, cultural e antropológico de deslocamentos, processos migratórios e mudanças sociais ocasionadas pelos períodos de

conflitos pós-independência e guerra civil, temáticas com as quais Mia Couto trabalha em seus escritos, que buscaremos problematizar e compreender a obra literária do referido autor, entendendo que nossa abordagem tem como perspectiva perceber “o fio que une as pedras” da narrativa, pois segundo Geralda Medeiros Nóbrega: “o estudioso da literatura confronta a análise textual com outras abordagens: histórica, artística, sociológica, antropológica. O texto literário, pois, se prolonga no desdobramento de enfoques diversificados”. (NÓBREGA, 2002, p.112).

Em consonância com esse relato que antecedeu e perpassou a escrita do romance *O último voo do flamingo*, é possível perceber a interdependência entre vida, observação e escrita literária na narrativa de Mia Couto quando ele assim enfatiza: “Para mim, enquanto escritor, o importante é a habilidade de recorrer um conto, uma pequena fábula para fazer suportar o pensamento. E é esse um traço da oralidade que é um sistema de pensamento ainda dominante no meu país.” (COUTO, 2011, p.180). Nesse sentido, Mia Couto está em sintonia com a perspectiva da compreensão de oralidade apresentada por Amadou Hampaté Bâ enquanto “Tradição viva”, quando o referido autor assim matiza:

Não faz a oralidade nascer à escrita, tanto no decorrer dos séculos como no próprio indivíduo? Os primeiros arquivos ou bibliotecas do mundo foram o cérebro dos homens. Antes de colocar seus pensamentos no papel, o escritor ou o estudioso mantém um diálogo secreto consigo mesmo. Antes de escrever um relato, o homem recorda os fatos tal como lhe foram narrados ou, no caso de experiência própria, tal como ele mesmo os narra. ( HAMPATÉ BÂ, 1982, p.181-2).

O próprio Mia Couto, ao relatar sua experiência com os contadores de história de seu país, faz questão de reconhecer uma vez mais a importância de manter viva essa chama da oralidade que aquece e ilumina as narrativas de vida. Assim, seu relato se aproxima mais ainda da perspectiva da oralidade enquanto “Tradição viva” apresentada por Hampaté Bâ (1982), tanto na dimensão da “origem divina da palavra” (p.183), quanto da relação dessa palavra como vínculo matricial portador de saberes e ponte comunicativa com os ancestrais. Ouçamos o testemunho de Mia Couto:

Eu vivo num país onde os contadores de história têm uma grande importância. Nessas zonas rurais eles são, de fato, os grandes defensores, os grandes reprodutores dessa via antiga dos valores rurais. Os contadores de histórias têm um sistema muito ritualizado de narrar, o que é uma cerimônia muito complicada, com interdições: não se pode contar histórias de dia senão fica careca, tem que se contar histórias de noite. E dos rituais, uma das

normas é que o contador de histórias nunca se intitule ele próprio um criador, ele está reproduzindo a palavra divina dos antepassados.

Então, no final, ele tem de fazer uma operação delicada que se chama o fechamento da história, ele tem que fechar a história. E ele chega ao fim da história, é como se falasse com a história, como se a história fosse entidade, ele vira para ela e diz: “Voltem pra casa, Zavane e Guana (serão o equivalente de Adão e Eva, o primeiro casal humano). É dentro desta caixa que estão as histórias”. Então ele diz: “Voltem para casa, Guana e Zavane”. Se ele não fizer isso, a assistência fica doente e é chamada uma doença de sonhar. (COUTO, 1998, p. 13).

Essa escuta atenta e dialógica de Mia Couto em relação à tradição oral é uma marca importante em sua produção literária. Evidencia-se, assim, esse aspecto de interdependência dialógica entre oralidade e o fazer literário tão bem matizada por Ana Mafalda Leite na seguinte reflexão: “A literatura tem a sua raiz na oralidade. Mesmo após o desenvolvimento da literatura escrita, a oralidade continuou a exercer influência e a ser um elemento determinante”. (LEITE, 2013, p.43). Por isso, em sua busca de fontes para as suas narrativas literárias, Mia Couto faz uma incursão nos aspectos históricos e culturais de Moçambique, não só como base para um exercício de criação estética, mas também como um exercício de reflexão ética e crítica sobre esses contextos históricos. É por isso que ele faz questão de afirmar que “esse compromisso para com a minha terra e o meu tempo guiou não apenas este livro como os romances anteriores”. (COUTO, 2005, p.224). Nessa busca de manter uma postura reflexiva e crítica sobre a história de seu país na escrita de suas narrativas literárias, é muito pertinente o que ele enfatiza sobre a tônica de denúncia matizada no romance:

O último voo do flamingo fala de uma perversa fabricação de ausência – a falta de uma terra toda inteira, um imenso raptos de esperança praticados pela ganância dos poderosos. O avanço desses comedores de nações obrigam-nos a nós, escritores, a um crescente empenho moral. Contra a incidência dos que enriquecem a custa de tudo e de todos, contra a mentira, o crime e o medo, contra tudo isso deve erguer a palavra dos escritores. (2005, p. 224).

Entretanto, cabe ressaltar que a obra literária não pode ser instrumentalizada ou ter seu conteúdo modificado em prol de uma leitura meramente factual ou arbitrária em detrimento da autonomia da criação narrativa própria do labor do escritor em suas construções e representações literárias, nesse sentido estamos de acordo com Geralda Medeiros Nóbrega quando ela enfatiza que:

A obra pode ser contextualizada, as personagens podem ser historicizadas, os fatos podem ser submetidos a toda uma historicidade, mas não deve perder de vista o conteúdo literário da obra estudada. O dado histórico funciona como

um apêndice que facilitará a compreensão da semântica do texto. E isto é o estudo interdisciplinar. (NÓBREGA, 2002, p.114-115).

É nesse sentido que propomos como base de nossa pesquisa o processo de descolonização mental em Moçambique representado na obra do escritor Mia Couto. Para tanto, buscaremos explorar como, em sua prosa poética, o referido autor salienta e enfoca aspectos culturais do povo moçambicano, fortalecendo a dimensão da oralidade como fonte de seus escritos literários por meio de uma construção de uma poética da alteridade.

Assim, no âmbito de nossa pesquisa, exploraremos a questão da “colonização mental” referida por Mia Couto numa entrevista<sup>2</sup>, quando o referido escritor, ao comentar sobre os 40 (quarenta) anos da Independência de Moçambique, faz uma dura crítica em relação à situação vivenciada atualmente em seu país, ao afirmar que: “Nós ainda somos muito *colonizados mentalmente* e olhamos para a Europa como ponto de referência. Estamos sempre a pensar no nosso comportamento em função do outro”. (COUTO, 2015). (Os grifos são nossos).

Nesse sentido, Mia Couto busca questionar esse contexto de colonização que permanece por meio de uma espécie de espelhamento em que os moçambicanos são induzidos a não serem eles mesmos, mas apenas o reflexo mental e comportamental eurocêntrico que se impôs como padrão no período colonial e também no pós-colonial, a ser seguido e imitado. Nessa perspectiva crítica-analítica é salutar citar o recente trabalho “Os sentidos da descolonização: uma análise a partir de Moçambique”, no qual Maria Paula Meneses realiza a seguinte contextualização histórica:

Os processos de colonização mental geraram (e continuam a produzir) o apagamento e a destruição, dos referentes culturais. Que saberes devem ser valorizados? No presente contexto moçambicano vários são os que apelam a uma glorificação acrítica de uma herança cultural e política que, tal como no passado, produz situações de opressão, exclusão e exploração. Por outro lado, uma diluição das experiências africanas traduz-se numa perda da identidade. Incapazes de fazer frente a esses questionamentos, as políticas de conhecimento em Moçambique, em lugar de gerarem situações de debate crítico profundos entre sistemas de saberes presentes, têm-se pautado pelo silêncio, gerando uma crescente amnésia sobre o peso e a importância das heranças culturais. Se no passado eram frequentes as denúncias de colonização mental, nos dias que correm, a ausência destas reflexões,

---

<sup>2</sup> COUTO, Mia. 40 anos de Independência: Mia Couto crítica “colonização mental”. Notícias Online, 17 jun. 2015. Caderno Cultural. Disponível em: <<http://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/caderno-cultural/38246-40-anos-de-independencia-mia-couto-critica-colonizacao-mental>>. Acesso em: 05 jun. 2017.

associadas ao deslumbramento pelo rápido crescimento econômico do capitalismo global sugerem que as lutas pela descolonização do saber são centrais e urgentes. (MENESES, 2016, p.39).

Acreditamos que esse processo de autocrítica e ruptura é lento e difícil, porém necessário e possível, já que é uma forma dos moçambicanos reconhecerem-se portadores de sua própria História e artífices do próprio futuro. É esse o horizonte de sentido contido na narrativa coutiana e por ele enfatizada com as seguintes palavras:

Em Moçambique nós vivíamos e vivemos ainda o momento épico de criar um espaço que seja nosso, não por tomada de posse, mas porque nele podemos encenar a ficção de nós mesmos, enquanto criaturas portadoras de História e fazedoras de futuro. Era isso a independência nacional, era isso a utopia de um mundo sonhado. (COUTO, 2011, p.110).

Esse desafio de transformar o sonho em realidade perpassa pela construção de uma narrativa onde os moçambicanos sejam portadores do seu lugar de fala e enunciação enquanto sujeitos históricos autônomos e com uma alteridade inalienável. Tal desafio passa por vários setores da sociedade moçambicana, como por exemplo: a “Educação na Fase Pós-Colonial”, temática muito importante e estudada por Luís Tomás Domingos em seu artigo: “Desafios da educação na África: Moçambique e sua busca por alteridade”. Assim, para o referido autor:

Depois da independência, por volta dos anos 1960, muitos africanos pensavam que a vida ia mudar drasticamente, agora sob o controle de um governo nacional e as escolas iriam passar para as mãos deles próprios, onde poderiam traçar o seu destino. Mas o processo de mudança é lento, requer tempo e reformas profundas das mentalidades influenciadas pelo regime colonial secular. As consequências da educação colonial ainda constituem os desafios para as elites africanas na construção de identidades nacionais e africanas. (DOMINGOS, 2013, p.75).

## **2. OBJETIVOS**

A literatura é a autointerpretação dos seres humanos através da história. (MAY, 2009, p. 15).

Com esse trabalho de pesquisa, objetivamos analisar como o período pós-independência de Moçambique é representado na obra de Mia Couto. Para tanto, e de forma um pouco mais específica, buscaremos identificar aspectos do processo de descolonização mental em Moçambique representado na obra do referido escritor. Tendo como linha de análise a coleta e caracterização de marcas textuais que narrem as

dinâmicas do processo de descolonização mental em Moçambique, representados na obra de Mia Couto.

Uma vez detectadas e interpretadas tais marcas, buscaremos identificar e caracterizar questões latentes da memória histórico-antropológica-cultural do período pós-independência de Moçambique presentes na obra literária de Mia Couto. Para tanto, partiremos dos seguintes questionamentos ou problematizações:

1. Qual a importância da tradição oral como forma de transmissão das narrativas do passado para o período pós-independência e como essas narrativas podem tornar-se um instrumental de *descolonização mental*?
2. Em que sentido é possível ler as narrativas de Mia Couto numa *perspectiva antropológica* sem negar o caráter de ficcionalidade concernente à obra literária?
3. Em que medida a literatura de Mia Couto pode ser tomada como registro antropológico-histórico-cultural portador de uma efetiva *poética da alteridade*?

Partindo desses questionamentos e problematizações, ter-se-á os seguintes objetivos nesta investigação:

4. Objetivo geral:

Analisar como a obra de Mia Couto tem atuado qual instrumento para a consolidação do processo de descolonização mental em Moçambique.

5. Objetivos específicos:

5.1 realizar uma leitura da obra de Mia Couto numa perspectiva antropológica;

5.2 analisar as características do discurso da alteridade como via de descolonização mental enquanto traço que dialoga com a construção do texto literário de Mia Couto, especificamente no romance *O último voo do flamingo*.

### 3. JUSTIFICATIVA

O homem nunca parou de interrogar-se sobre si mesmo. (LAPLATINE, 2007, p. 13).

Logo de início, queremos situar e justificar nossa pesquisa numa perspectiva antropológica de acordo com a reflexão de Antônio Joaquim Severino (2007) sobre o processo de investigação em Ciências Humanas, pois segundo o referido autor:

A investigação antropológica, subjacente às Ciências Humanas, conduzida sob a inspiração hermenêutica, pressupõe que toda a realidade humana se manifesta expressa sob uma dimensão simbólica responsável pela especificidade do existir dos homens, tanto individual quanto coletivamente. E, no âmbito cultural, a linguagem ocupa um lugar proeminente, uma vez que se trata de um sistema simbólico voltado diretamente para essa expressão. (SEVERINO, 2007, p.115). (Os grifos são nossos).

Nosso trabalho de pesquisa visa tematizar, analisar e aprofundar a questão da importância e influência da poética de Mia Couto como via de representação no processo de descolonização mental em Moçambique. Para tanto, buscaremos referências bibliográficas (artigos de revistas especializadas, dissertações, teses e livros), que nos sirvam de referencial teórico no que tange ao escopo de nossa pesquisa.

É importante ressaltarmos que já existem vários estudos da obra de Mia Couto, sobretudo, no que se refere a pesquisas na área de pós-graduações em Letras<sup>3</sup>, bem como na área dos estudos das Ciências da Religião, como exemplo: citamos a tese doutoral de Cantarela (2010). Embora nosso enfoque seja fazer um estudo desde a perspectiva antropológica da produção literária do referido autor, buscaremos apoio e subsídios interpretativo-analíticos em outras áreas ou ênfases de estudo (sociologia, filosofia e estudos de crítica literária), pois entendemos que a perspectiva da interdisciplinaridade é fundamental à investigação que propomos.

Nossa formação em Filosofia consentaneamente nos conduziu para uma aproximação epistemológica e hermenêutica com a Antropologia, disciplina que sempre nos chamou atenção, despertando nosso interesse existencial e acadêmico. A nova forma de ler e reler os processos históricos – sobretudo em relação ao continente africano – nos colocou no âmbito das reflexões advindas das abordagens oferecidas pelas disciplinas ministradas pelos professores/as de História do Continente Africano. E por fim, nossa paixão – já antiga e sempre nova – pela Literatura, despertou novamente nosso encanto e curiosidade diante da novidade dos estudos das Literaturas Africanas em Língua Portuguesa. Assim, foi sendo composto o nosso mosaico interdisciplinar, ao qual pretendemos levar a diante em nosso projeto de pesquisa hora apresentado em suas linhas mestras.

---

<sup>3</sup> Nos anexos elencamos uma lista de referências bibliográficas composta de Dissertações e Teses no âmbito da Pós-Graduação que nos possibilitarão aprofundar o percurso da crítica literária em torno do romance *O último voo do flamingo*, de Mia Couto.

Destacamos que nossa pesquisa terá um viés interdisciplinar, visto que propomos um diálogo entre Antropologia, História e Literatura. Esse viés coaduna com nossa formação como Bacharéis em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB. Ressaltamos que foi justamente a partir de nossos estudos em Humanidades que o desejo de realização dessa pesquisa foi sendo cultivado, trabalhado e formulado, pois a oportunidade de estudar a História do Continente Africano a partir de outras perspectivas, bem como de conhecer o percurso das correntes antropológicas, além de iniciar os estudos das Literaturas Africanas em Língua Portuguesa, fez brotar questionamentos, que aqui os apresentamos no formato de projeto de pesquisa. Nossa pesquisa, portanto, enfocará a dinâmica relação entre Antropologia, História e Literatura numa perspectiva da interdisciplinaridade.

Acreditamos, com essa intenção de articulação entre saberes, estar colocando em prática a dinâmica interdisciplinar que fundamenta a proposta pedagógica do nosso curso de Bacharelado em Humanidades, bem como ensaiando a integração desses saberes e diversos contextos que compõem o amplo e diverso cenário cultural presente na UNILAB.

Dando sequência à justificativa da abordagem por nós escolhida para a construção do nosso objeto científico de pesquisa, seguimos a concepção de François Laplatine (2007), quando ele assim especifica:

Consideramos que uma disciplina científica (ou que pretenda sê-lo) não deva ser caracterizada por objetos empíricos já constituídos, mas, pelo contrário, pela constituição de objetos formais. Ou seja, a única coisa passível, a nosso ver, de definir uma disciplina (qualquer que seja), não é de forma alguma um campo de investigação dado (a tecnologia, o parentesco, a arte, a religião...), e sim a *especificidade da abordagem utilizada que transforma* esse campo, essa área, esse período em objeto científico. (LAPLATINE, 2007, p. 96). (Os itálicos são do autor).

Para tanto, temos consciência da seriedade e compromisso intelectual que perpassa o conceito de pesquisa acadêmica enquanto atividade científica, bem como das exigências e pressupostos éticos e metodológicos que se espera de um pesquisador diante da realidade a ser estudada. Pois entendemos que a pesquisa é uma ação político-social que requer não somente um domínio dos pressupostos teóricos e metodológicos, mas também requer do pesquisados ações pautadas na ética. Nesse sentido, vale

ressaltar o necessário “princípio socioecológico da ação” tão bem matizado por Edgar Morin na seguinte reflexão:

Há um princípio – que se aplica a toda decisão e a toda ação político-social – que designo por princípio socioecológico da ação: enuncia que uma ação se define não tanto em relação às suas intenções, mas sobretudo em relação à sua derivação. Assim que uma ação entra no contexto das inter-retroações políticas e sociais, pode inverter seu sentido e até voltar, como um bumerangue, e bater em quem a desencadeou. (MORIN, 2005, p. 152).

Feita essa importante ressalva do “princípio socioecológico da ação” como uma necessidade subjacente no desenvolvimento da pesquisa, é preciso, também, salientar os limites de toda e qualquer abordagem de um objeto de pesquisa, pois como bem matiza Gaston Bachelard:

O conhecimento do real é luz que sempre projeta algumas sombras. Nunca é imediato e pleno. As revelações do real são recorrentes. O real nunca é “o que se poderia achar”, mas é sempre o que se deveria ter pensado. O pensamento empírico torna-se claro depois, quando o conjunto de argumentos fica estabelecido. (BACHELARD, 1996, p.17). (As aspas são do próprio autor).

Nesse sentido, precisamos ter a sensibilidade e o realismo epistemológico necessário para reconhecer que nenhuma abordagem consegue apreender ou esgotar a realidade em sua multifacetada manifestação fenomenológica. Por isso, nos valemos da assertiva prerrogativa assinalada por Pedro Demo (1987), quando enfatiza de forma clara e pedagógica as limitações da atividade científica nas seguintes palavras:

Pesquisa é a atividade científica pela qual descobrimos a realidade. Partimos do pressuposto de que a realidade não se desvenda na superfície. Não é o que aparenta à primeira vista. Ademais, nossos esquemas explicativos nunca esgotam a realidade, porque esta é mais exuberante que aqueles. (DEMO, 1987, p. 23).

O que nos motiva no âmbito desta pesquisa, portanto, é buscar conhecer de forma mais aprofundada alguns aspectos da cultura moçambicana em suas manifestações e relações entre tradição/modernidade, escrita/oralidade, costumes, hábitos, ritos, pós-independência, relações raciais, alteridade, dentre outras, por meio do estudo da obra de Mia Couto. Para tanto, sabemos que esse processo requer um longo e aprofundado estudo sobre o contexto histórico-geográfico-cultural de Moçambique, pois como bem salienta Francisco Noa em seu texto “Uns e outros: imaginário, identidade e alteridade na literatura moçambicana”:

Existe uma dimensão incontornável quando se analisa os sujeitos e os produtos resultantes da colonização europeia na África: a questão identitária é, em grande parte dos casos, um fenómeno de alteridade. Isto é, é-se um ao mesmo tempo que se é outro. É-se igual ao mesmo tempo que se é diferente. Ou ainda, só se consegue efetivamente ser-se o mesmo, quando se consegue ser outro, mesmo que de forma nem sempre consciente.

Com uma multissecular história de chegadas de povos de outras latitudes: bantus (séc. IV); árabes (séc. VIII); portugueses (séc. XV); indianos (séc. XVII); chineses e outros europeus (séc. XIX), Moçambique foi-se instituindo como um imenso território aglutinador de diferenças e de intersecções culturais, raciais, étnicas, religiosas e linguísticas.

Se a essa circunstância histórica associarmos o elemento geográfico, a trama relativa a todos esses cruzamentos torna-se ainda mais complexa. Enquanto que o litoral virado para o Oriente cobre uma extensão de cerca de 2700km, banhada pelo Oceano Índico, o interior do território, a Oeste, estabelece fronteiras com seis países, todos eles antigas colônias britânicas: Tanzânia, Zâmbia, Maláui, Zimbábue, África do Sul e Suazilândia, fato que tem implicações significativas sobretudo do ponto de vista cultural e linguístico. (NOA, 2017, p.121-122).

É levando em conta toda essa trama de inúmeras relações, imbricações e diversidades, que queremos fundamentar nossa pesquisa, pois acreditamos que a literatura produzida por Mia Couto nos convida a uma reflexão sobre a história de Moçambique. Partimos do pressuposto que a literatura coutiana é portadora e emissora de um convite profícuo e constante para o desafio de “Repensar o pensamento, redesenhando fronteiras”, como numa palestra com o referido título, Mia Couto matiza esse convite com a seguinte reflexão:

Aprendemos a demarcamo-nos do Outro e do Estranho como se fossem ameaça à nossa integridade, mesmo que ninguém saiba em que consiste essa integridade. Temos medo da mudança, medo da desordem, medo da complexidade. Precisamos de modelos para entender um universo (que é, afinal, um pluriverso ou um multiverso) e que foi construído em permanente mudança, no meio do caos e do imprevisível. Esses modelos simplificam o que só pode ser entendido como entidade complexa e complicam o que só em simplicidade pode ser apreendido. Temos medo dos que pensam diferente e mais medo ainda daqueles que, são tão diferentes, que achamos que não pensam. Vivemos em estado de guerra com a alteridade que mora dentro e fora de nós. (COUTO, 2013, p.197)

Tendo em vista que a produção literária do referido autor é tão intensa quanto vasta, buscaremos limitar nosso estudo a uma de suas obras, a saber: *O último voo do flamingo* (2005), pois essa apresenta um recorte narrativo ficcional que abarca o período pós-colonial ou pós-independência concomitantemente ao tempo em que a narrativa foi situada, bem como as reflexões analíticas e críticas sobre a questão do discurso da

alteridade que se evidenciam nas marcas textuais intencionadas por Mia Couto em seu processo de escrita. Nesse sentido, deixemos que o próprio Mia Couto fale sobre a temática do romance por ele escrito: “*O último voo do flamingo* fala de uma perversa fabricação de ausência – a falta de uma terra toda inteira, um imenso rapto de esperança pela ganância dos poderosos”. (COUTO, 2005. p.224). (Os itálicos são do autor).

Tal perspectiva, também encontra ressonâncias na crítica literária sobre o romance *O último voo do flamingo* como podemos perceber na análise realizada por Maria de Fátima Maia Ribeiro:

Estão em cena em *O último voo* os contraditórios modos por que se processam as relações pós-coloniais entre o Ocidente e os países africanos, traduzidas na presença da ONU em Moçambique, em termos dos interesses em causa *versus* a anuência e a contestação advindas das esferas oficial e civil. A questão desdobra-se nas relações entre população e elites dirigentes, em seus encontros e desencontros, que abrigam perspectivas múltiplas e cambiantes. (RIBEIRO, 2007, p.245).

Seguindo essa linha de leitura e contextualização do romance, numa linguagem poética, tanto quanto repleta de refinada ironia e aguçado senso crítico, Ana Mafalda Leite, realiza a seguinte análise do referido romance:

Em Tizangara acontecem explosões estranhas. Os capacetes azuis das Nações Unidas, que vieram colaborar na acção de desminagem, depois do fim da guerra civil, começam a explodir enigmaticamente, deles sobrando, apenas, em estado de ornamento, o membro viril. Tal facto leva a que se desloque à vila de Tizangara uma comitiva governamental e o relator italiano, Massimo, com o objectivo de averiguar as causas dessas mortes surpreendentes.

A estória do flamingo, que dá título ao romance, é o mito organizador da narrativa e veicula uma sabedoria, dando-se a ler com diferentes sentidos. Trata-se de uma fábula, que a mãe contava ao tradutor-narrador, em criança, e conta o começo da noite e da morte num tempo em que o paraíso era o dia eterno. Querendo ultrapassar os céus deste mundo para encontrar outro, o flamingo pernalta ousa sonho demasiado, infringe limites. Cansado do mundo, este Ícaro fabular, que busca, na transcendência, fugir ou recomeçar, um último voo, é a visão perdida e encantada de um fim. Ou de um princípio.

O romance relata o fim do país e o fim do país e o fim de um tempo. Critica a ausência de valores éticos e morais, a perda da memória e da dignidade, a corrupção mais ou menos generalizada. Este roubo da alma, desamor pela terra e pelos valores colectivos, leva à figuração animal das personagens, escolhida para a alegoria da predação do país. São eles, por exemplo, a hiena desprezível, que vive a custa que vive a custa dos restos, das sobras da miséria, e da pobreza, naquele desconcerto do mundo, ou ainda o flamingo, desistente, mas ambicioso, que desconhece os seus limites, e qual Ícaro desvoa da morte. (LEITE, 2013, p. 66- 67).

Nesse âmbito, percebe-se claramente que a narrativa literária coutiana volta-se para o passado na busca de tematizar criticamente os períodos colonial e *pós-colonial*, intencionando refletir e entender esses contextos históricos e cenários culturais que acabaram sendo manipulados ou apagados pela truculência do sistema devastador, dominante e dominador imposto pela colonização europeia nesses espaços. É nesse contexto de enunciação contestatório da produção literária pós-colonial, que a estudiosa das literaturas africanas Ana Mafalda Leite destaca que: “O projeto da escrita pós-colonial é também interrogar o discurso europeu e descentralizar as estratégias discursivas; investigar, reler e reescrever a empresa histórica e ficcional coloniais, faz parte da tarefa criativa e crítica pós-colonial. (LEITE, 2013, p.36).

Referimo-nos acima ao termo *pós-colonial*, grifando-o, por ele ser um conceito em constante debate, em decorrência da polissemia de sentidos e interpretações que dele emanam, bem como por aplicações ambíguas deste termo, sem as devidas ressalvas e contextualizações. (BONNICI, 1998; HALL, 2009). Nossa pesquisa propõe-se a questionar e aprofundar termos como pós-colonial, pós-colonialismo e pós-independência. Por hora, citamos a estudiosa de literatura africana e do período pós-colonial, Inocência Mata (2007), quando a referida autora tematiza com lucidez que “O pós-colonial pressupõe, por conseguinte, uma nova visão de sociedade que reflete sobre sua condição periférica, tanto a nível estrutural como conjuntural”. (MATA, 2007, p. 39). Seguindo essa linha de contextualização, problematização e atualização do termo pós-colonial, também destacamos a seguinte reflexão feita por Maria Paula Meneses, quando a referida autora matiza que:

O pós-colonial funciona assim como um idioma crítico que procura reflectir<sup>4</sup> sobre os processos de descolonização, nas zonas geradas pela violência do encontro colonial. Questionar as hegemonias presentes deverá ser visto como uma possibilidade contingente de mudança em direcções que não reproduzem a subordinação cultural, política e económica. Este questionamento crítico não é um fim em si mesmo, mas um estímulo a uma compreensão mais ampla das várias tentativas e dos múltiplos processos políticos, questionando a sua ontologia. De forma mais ampla, os estudos pós-coloniais insistem nas articulações, imbricações e interligações entre várias representações do tempo e do espaço. (MENESES, 2012, p.320).

---

<sup>4</sup> Mantemos a grafia do português de Portugal tal qual como está registrada no livro.

Nessa mesma linha de reflexão, Homi K. Bhabha, em sua obra “O local da cultura”, sobretudo no capítulo intitulado “O pós-colonial e o pós-moderno: a questão da agência” matiza que:

A crítica pós-colonial é testemunha das forças desiguais e irregulares de representação cultural envolvidas na competição pela autoridade política e social dentro da ordem do mundo moderno. As perspectivas pós-coloniais emergem do testemunho colonial dos países do Terceiro Mundo e dos discursos das “minorias” dentro das divisões geopolíticas de Leste e Oeste, Norte e Sul. Elas intervêm naqueles discursos ideológicos da modernidade que tentam dar uma “normalidade” hegemônica ao desenvolvimento irregular e às histórias diferenciadas de nações, raças, comunidades, povos. Elas formulam suas revisões críticas em torno de questões de diferença cultural, autoridade social e discriminação política a fim de revelar os momentos antagônicos e ambivalentes no interior das racionalizações da modernidade. (BHABHA, 1998, p.239). (As aspas são do autor).

Em consonância com essa ênfase na reflexão crítica e de problematização em relação ao termo *pós-colonial*, Kwame Anthony Appiah faz uma aguçada ponderação sobre os limites, às instrumentalizações ou possíveis desvios que tal conceito possa vir a significar quando utilizado por alguns escritores ou pensadores de formação e estilo ocidental, que possuam a ambivalente pretensão de atuarem como intermediários da relação entre o Ocidente e à África e vice-versa, pois segundo o referido autor:

O pós-colonialismo é a condição do que poderíamos chamar, de maneira pouco generosa, uma intelectualidade *comprista*: a de um grupo de escritores e pensadores relativamente pequeno, de estilo ocidental e formação ocidental, que intermedeia, na periferia, o comércio de bens culturais do capitalismo mundial. No Ocidente, eles são conhecidos pela África que oferecem; seus compatriotas os conhecem pelo Ocidente que eles apresentam à África e por uma África que eles inventaram para o mundo, uns para os outros e para a África. (APPIAH, 1997, p.208). (Itálico do autor).

Seguindo essa mesma linha de reflexão e problematização do conceito de pós-colonial, outra ressalva importante a ser feita é quanto ao descuido ou deslize da aplicação do termo de forma universalizante e homogeneizadora sem levar em conta as especificidades de cada contexto histórico, pois como bem matiza Stuart Hall:

Quanto ao fato de o “pós-colonial” ser um conceito confusamente universalizado, sem dúvida certo descuido e homogeneização têm ocorrido, devido à popularidade crescente do termo, seu uso extenso, o que às vezes tem gerado sua aplicação inapropriada. Há sérias distinções a serem feitas, as quais têm sido negligenciadas, o que tem causado um enfraquecimento do valor conceitual do termo. (HALL, 2009, p. 99-100).

Assim, de acordo com as reflexões de Ana Mafalda Leite, Inocência Mata, Maria Paula Meneses, Homi Bhabha, Kwame Anthony Appiah e Stuart Hall, ao problematizarem o conceito de pós-colonial, encontramos um paralelo entre os perigos retóricos contidos tanto no conceito de pós-colonialismo, quanto no de pós-modernismo, pois ambos podem estar a serviço da manutenção de um discurso de dominação e mascaramento dos processos envoltos nas relações de poder. É o que de David Harvey evidencia com as seguintes palavras:

O pós-modernismo quer que aceitemos as reificações e partições, celebrando a atividade de mascaramento e de simulação, todos os fetichismos de localidade, de lugar ou de grupo social, enquanto nega o tipo de metateoria capaz de apreender os processos político-econômicos (fluxos de dinheiro, divisões internacionais do trabalho, mercados financeiros etc.), que estão se tornando cada vez mais universalizantes em sua profundidade, intensidade, alcance e poder sobre a vida cotidiana. (HARVEY, 2014, p.112).

Portanto, para o referido autor: “a retórica do pós-modernismo é perigosa, já que evita o enfrentamento das realidades da economia política e das circunstâncias globais”. (HARVEY, 2014, p.112). Por isso, é importante ressaltar, de acordo com Homi K. Bhabha, que:

A perspectiva pós-colonial – como vem sendo desenvolvida por historiadores culturais e teóricos da literatura – abandona as tradições da sociologia do subdesenvolvimento ou teoria da “dependência”. Como modo de análise, ela tenta revisar aquelas pedagogias nacionalistas ou “nativistas” que estabelecem a relação do Terceiro Mundo com o Primeiro Mundo em uma estrutura binária de oposição. A perspectiva pós-colonial resiste à busca de formas holísticas de explicação social. Ela força um reconhecimento das fronteiras culturais e políticas mais complexas que existem no vértice dessas esferas políticas frequentemente opostas. (BHABHA, 1998, p.243- 244). (As aspas são do autor).

#### **4. REVISÃO DE LITERATURA**

Os discursos críticos pós-coloniais exigem formas de pensamento dialético que não recusem ou neguem a outridade (alteridade) que constitui o domínio simbólico das identificações psíquicas e sociais. (BHABHA, 1998, p.242).

Nossa revisão de literatura sobre a temática feita até aqui em busca de embasamento para construção deste projeto de pesquisa nos conduziu às linhas de reflexões dos seguintes pesquisadores, teóricos e ensaístas: BHABHA (1998); APPIAH (1997); LAPLATINE (2007); MATA (2007); HALL (2009); MENESES (2012); DOMINGOS (2013); (CAVACAS; CHAVES; MACEDO, 2013); LEITE (2012; 2013),

dentre outros que venham a ser sugeridos pelo orientador, ou que sejam oriundos de descobertas futuras por via de leituras concomitantes e paralelas à temática de nossa pesquisa. Nesse sentido, direcionaremos nossa pesquisa dentro dos paradigmas reflexivos e interpretativos que envolvem os estudos culturais, coloniais e pós-coloniais. Para tanto, buscaremos fundamentar nossa reflexão interpretativa, analítica e crítica nas linhas de debate realizadas pelos autores outrora supracitados.

Entretanto, para que esse trabalho de reflexão e problematização da descolonização possua uma boa base contextual e argumentativa, anteriormente iremos pesquisar e aprofundar as leituras das obras de José Luís Cabaço (2009), João Paulo Borges Coelho (2003), Omar Ribeiro Thomaz (1999), Valdemir Zamparoni (2012), Maria Paula Meneses (2012; 2016), Sheila Khan (2016) e Francisco Noa (2015a; 2015b; 2017), para que tais autores/as nos possibilitem pensar o período colonial em Moçambique e assim na sequência de nossa pesquisa problematizarmos o pós-colonial com os teóricos pós-coloniais citados anteriormente. Seguindo essa senda, acreditamos evitar anacronismos bem como uma justaposição equivocada de temporalidades, análises e aportes teóricos.

Por isso, optamos por uma perspectiva interpretativa como base teórica de nosso projeto de pesquisa. Nesse sentido, nos valem da reflexão realizada por Leonardo Boff (2009), quando se refere ao ato de ler, reler, compreender e interpretar com as seguintes palavras:

Ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é à vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura. A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender, é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, com quem convive, que experiências tem, com que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o animam. (BOFF, 2009. p. 09).

É com base nesse horizonte interpretativo-analítico que buscaremos realizar nossa pesquisa. Sempre com essa prerrogativa de não esquecermos o contexto do autor (de onde ele escreve) e do nosso próprio contexto como leitor (receptor) com um olhar interpretativo influenciado e condicionado por nosso lugar social, assim como pelo tempo histórico do qual fazemos parte. Nesse sentido, seguimos a linha de reflexão de Kwame Anthony Appiah, quando ele matiza que:

O caráter dessa questão – a inscrição do mundo social a partir do qual se escreve – é apenas um exemplo, é claro, do tipo de circunstância de que precisamos ter ciência, se quisermos escrever inteligentemente sobre a moderna literatura africana. E isso depende essencialmente de vermos o escritor, o leitor e a obra num contexto cultural – e, portanto, histórico, político e social. (APPIAH, 1997, p. 109). (Os grifos são nossos).

Para isso, é necessário ressaltar que uma leitura numa perspectiva antropológica deve ser atenta aos detalhes da narrativa, bem como fazer a acertada correlação com a vida concreta das pessoas e de seus contextos existenciais, buscando compreender as veladas manifestações comunicativas, tendo consciência que “não são só os livros que se lêem”, pois como bem nos recorda Mia Couto, em sua poética e pedagógica assertiva ao assim escrever:

Falamos em ler e pensamos apenas nos livros, nos textos escritos. O senso comum diz que lemos apenas palavras. Mas a ideia de leitura aplica-se a um vasto universo. Nós lemos emoções nos rostos, lemos os sinais climáticos nas nuvens, lemos o chão, lemos o Mundo, lemos a Vida. Tudo pode ser página. Depende apenas da intenção de descoberta do nosso olhar. Queixamo-nos de que as pessoas não lêem livros. Mas o déficit de leitura é muito mais geral. Não sabemos ler o mundo, não lemos os outros. [...] Vale a pena ler livros ou ler a Vida quando o acto de ler nos converte num sujeito de uma narrativa, isto é, quando nos tornamos personagens. Mais do que saber ler, será que sabemos, ainda hoje, contar histórias? Ou sabemos simplesmente escutar histórias onde parece reinar apenas o silêncio? (COUTO, 2011, p. 103).

## 5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo João Álvaro Ruiz,

Existe no ser humano a capacidade, a tendência ou o anseio de conhecer, de compreender, de desvelar o desconhecido. E a ciência empenha-se no propósito de tornar o universo compreensível. Enquanto a ciência satisfaz este profundo desejo de conhecer, realiza sua finalidade teórica. (2006. p.129).

Em princípio, queremos especificar como entendemos o papel fundamental da literatura como uma possibilidade válida de aproximação a uma nação (Moçambique) representada na obra de um de seus escritores (Mia Couto). Para tanto, recorreremos à percepção ampla e propositiva que Ítalo Calvino matiza sobre a importância do potencial realizador do fazer literário:

A literatura só pode viver se se propõe a objetivos desmensurados, até mesmo para além de suas possibilidades de realização. Só se os poetas e os escritores se lançarem a empresas que ninguém mais ousaria imaginar é que a literatura continuará a ter uma função. No momento em que a ciência desconfia das explicações gerais e das soluções que não sejam setoriais e especialísticas, o grande desafio da literatura é o saber tecer em conjuntos os diversos saberes e os diversos códigos numa visão pluralística e multifacetada do mundo. (CALVINO, 1995, p.58).

Em consonância com essa forma de compreender a literatura e o desafio ao qual o escritor ou poeta está chamado a assumir é que tentaremos analisar aspectos do processo de descolonização em Moçambique representados na obra de Mia Couto, pois entendemos que o fazer literário do referido escritor moçambicano está intrinsecamente relacionado com traços culturais e históricos de seu país. Como bem salienta Antonio Geraldo Cantarela:

Em Mia Couto, a construção do discurso literário é marcada pela referência à colonização, à independência tardia, à guerra civil pós-independência, à falta de rumos para a nação, ao racismo, à agonia das tradições. Dessas marcas e de outras falas do autor, pode-se inferir que a construção do seu discurso literário se faz como tarefa política que assume criticamente as vozes dos marginalizados e aponta com lucidez os problemas sociais de sua nação. (CANTARELA, 2010, p.19).

Em nossa pesquisa, além de enfocarmos a narrativa de Mia Couto como sendo esse espaço literário que busca dialogar com alguns aspectos sócio-histórico-culturais de Moçambique e retratar tais aspectos; objetivamos também interpretar e compreender como o referido autor trabalha em sua narrativa ficcional a delicada trama do existir humano. Para tanto, buscaremos lançar um olhar a este diálogo pelas lentes da perspectiva antropológica na intenção de percebermos como Mia Couto aborda a questão do existir humano enquanto busca pelo sentido não somente individual, mas também em sua dimensão coletiva-comunitária. Por isso, enfatizamos que, partindo desse pressuposto interpretativo-analítico, é que iremos fazer nossa leitura antropológica da literatura coutiana, cientes de estarmos adentrando a obra de um escritor lúcido e consciente da realidade continental (África) e nacional (Moçambique) a partir da qual ele vive e escreve. Nessa perspectiva, concordamos com a reflexão de Antonio Geraldo Cantarela, quando assim enfatiza:

A obra de Mia Couto permite tipificar certo imaginário de setores críticos da sociedade moçambicana, que expressa à consciência de conflitos entre a situação de deriva da África pós-colonial e o arraigamento de tradições ancestrais. O passado colonial, a independência, os anos de guerra civil pós 75, o racismo, as tradições ancestrais, os hibridismos culturais oriundos da

abertura do elemento moçambicano às múltiplas influências estrangeiras, notadamente a portuguesa, todos esses dados, inegavelmente históricos, marcam de modo característico os conto e romances do escritor moçambicano – ainda que aí apareçam como traços constituintes de espaços ficcionais. (2010, p.131)

É preciso salientar que escolhemos pesquisar a obra de Mia Couto por entendermos que sua narrativa está profundamente enraizada em sua relação com seu país, mas que não se restringe aos espaços geográficos moçambicanos, como podemos perceber na acertada expressão de Maria Nazareth Soares Fonseca, especialista na obra coutiana, pois, segundo ela: “Mia Couto produz uma escrita expandida que consegue abraçar as falas de outros espaços marginalizados do mundo”. (2008, p.16). E, corroborando com essa assertiva, Branca Cabeça Egger Moellwald enfatiza que “A ficção de Mia Couto recupera a materialidade do mundo no tecido da narrativa, retomando também questões prementes, como as relações econômicas, subjetivas, intersubjetivas de poder e as determinações históricas de cultura” (2008, p. 159).

Ainda que o processo de elaboração e construção do projeto de pesquisa seja dinâmico, buscamos traçar aqui um horizonte de estudo e reflexão que nos possibilite aprofundar as questões do processo de descolonização de Moçambique representadas na obra de Mia Couto. Partimos de uma compreensão dos limites e possibilidades do fazer literário enquanto arte que busca dialogar com a realidade. Posteriormente, analisamos um pouco a presença e a função do escritor como um ser histórico que lê e busca transcrever em forma de narrativa literária, aspectos de seu país, transportando assim para o espaço literário ficcional o mundo que percebe, possibilitando assim uma releitura crítica tanto do passado, como do atual contexto moçambicano.

Por fim, tentamos salientar como esse lugar social, no caso de Mia Couto, não o limita geográfica ou linguisticamente, já que suas narrativas encontram ressonâncias em outros povos e culturas por meio da híbrida relação entre oralidade, escrita e tradição.

## **6. METODOLOGIA**

Não se trata de perseguir o determinismo histórico sobre a literatura, mas de analisar o diálogo fundamental que o texto literário estabelece com o contexto histórico. (NOA, 2015, p.28).

Quanto ao caminho metodológico escolhido, queremos, em princípio, matizar o que se entende por metodologia, para tanto, seguimos a perspectiva de Pedro Demo, pois, segundo o referido autor:

Metodologia é uma preocupação instrumental. Trata das formas de se fazer ciência. Cuida dos procedimentos, das ferramentas, dos caminhos. A finalidade da ciência é tratar a realidade teórica e praticamente. Para atingirmos tal finalidade, colocam-se vários caminhos. Disto trata a metodologia. (1987, p. 19).

Dentre as alternativas de abordagem possíveis de um determinado objeto de pesquisa científica, Antônio Joaquim Severino, faz referência a quatro tipos: “pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, pesquisa experimental e pesquisa de campo” (2007, p.122). Tendo em vista a dinâmica investigativa que permeará nossa análise, ressaltamos que nossa pesquisa será basicamente bibliográfica e documental, visto que intencionamos estudar o romance de Mia Couto em consonância com os documentos acessíveis que contenham dados do processo histórico de descolonização de Moçambique.

Uma vez que optamos por essas duas posturas investigativas – a *pesquisa bibliográfica* e a *pesquisa documental* – queremos fomentar nossa opção com as pedagógicas e claras definições de Antônio Joaquim Severino ao matizar que:

A *pesquisa bibliográfica* é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisa anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. (2007, p.122). (Os grifos são do autor).

Salienta-se que grande parte de nossa pesquisa seguirá os pressupostos especificados acima pela referido autor. Entretanto, como nosso trabalho possui um importante viés interdisciplinar (Antropologia, História e Literatura), em alguns momentos faremos incursões analíticas desde a perspectiva da abordagem Histórica para uma melhor contextualização do período colonial e pós-colonial em Moçambique. Nesse sentido, buscaremos apoio em documentos que estejam acessíveis à investigação; essa postura de busca por outras formas de registros textuais e materiais, diz respeito ao segundo tipo de pesquisa especificado por Antônio Joaquim Severino:

No caso da *pesquisa documental*, tem-se como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais. Nesses casos, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise. (2007, p. 122-123). (Os grifos são do autor).

Temos como foco ou campo de pesquisa o processo de descolonização mental em Moçambique representado no romance *O último voo do flamingo* (2005), do escritor Mia Couto. Para tanto, buscaremos analisar como o autor trabalha em suas obras a relação dos fatos históricos propriamente ditos, como a tradição oral com que esses fatos são passados de geração em geração e como esse material ganha espaço, criticidade, beleza e atualidade por meio da narrativa literária enquanto arte e também enquanto registro escrito do processo histórico, social e antropológico de um país em vias de descolonização, pós-independência e autoafirmação enquanto Nação.

Entretanto, salientamos que estudar a produção literária de um escritor requer cuidados e esclarecimentos quanto à abordagem que será escolhida, pois não se pode confundir o autor com o narrador. Nesse sentido, é importante ressaltar aqui como bem explica Cândida Vilares Gancho, que: “o narrador não é o autor, mas uma entidade de ficção, isto é, uma criação linguística do autor, e, portanto só existe no texto”. (2002. p. 26).

Ademais, em concordância com a lapidar sabedoria de Gaston Bachelard, é salutar matizar que: “É imensa a distância entre o livro impresso e o livro lido, entre o livro lido e o livro compreendido, assimilado, sabido! Mesmo na mente mais lúcida, há zonas obscuras, cavernas onde ainda vivem sombras”. (BACHELARD, 1996, p.10).

Nesse sentido, fizemos à opção, quanto à abordagem, pela pesquisa qualitativa na perspectiva da análise do discurso, tento em vista que, por meio da coleta de dados bibliográficos, bem como da análise de registros documentais históricos, buscaremos fundamentar nossa pesquisa, intencionando uma melhor compreensão do processo de descolonização de Moçambique representado na obra de Mia Couto.

Tratar-se-á de uma pesquisa básica, visto que não disporemos de uma variada gama de possibilidades, como pesquisa de campo ou visita aos aspectos culturais do atual contexto histórico-antropológico-social do país pesquisado. Para tanto, buscar-se-á explorar as conexões e relações possíveis entre a Literatura e o processo histórico de

descolonização em Moçambique representado na obra do escritor Mia Couto. Portanto, ao optarmos por essa perspectiva, estamos buscando refletir sobre “o poder do discurso e a arte da narração na ficção moçambicana”, temática essa trabalhada por Francisco Noa, quando em sua análise o referido autor nos oferece à seguinte reflexão:

Uma das mais expressivas linhas de força da narrativa africana e da moçambicana, em particular, é a de ela afrontar os poderes instituídos, seja no contexto colonial, seja no pós-independência. Trata-se de uma literatura cuja especificidade decorre da sua profunda e estruturante interlocução com o meio de onde ela provém e onde as demonstrações de poder, sobretudo político, são notórios e envolventes. Portanto, temos, neste caso específico, a narração funcionando tanto como um mecanismo de denúncia quando não mesmo de confrontação. (NOA, 2017, p.81).

Nesse sentido, seguimos a reflexão de Antonio Chizzotti sobre a análise do discurso, pois segundo o referido autor: “A análise do discurso recobre um amplo aspecto de teorias e práticas que corresponde a objetivos e finalidades muito diversas e nutrem uma diversidade de orientações de pesquisa e disciplinas” (CHIZZOTTI, 2014, p.120). Dentre as tendências apresentadas pelo autor, optamos pela que:

Pressupõe o discurso enquanto situado em um contexto sócio-histórico e considera que ele só pode ser compreendido se relacionado com o processo cultural, socioeconômico e político nos quais o discurso acontece, crivado pelas relações ideológicas e de poder. Importa, nesse sentido, o processo, o ato da fala, o sentido elaborado no momento da produção do discurso com todas as injunções subjetivas – desejos, instintos –, determinações sociais – ideologias, contradições e formas linguísticas –, incoerências, repetições, omissões. (CHIZZOTTI, 2014, p. 121).

Portanto, ao optarmos pela análise do discurso como nossa base metodológica, matizamos que para tal abordagem analítica seguiremos a perspectiva de Michel Foucault, pois segundo Chizzotti: “O papel da análise do discurso, na perspectiva foucaultiana, é, sobretudo, um desenlear das relações de poder ocultas nos refinamentos epistemológicos, no discurso tido como objetivo, nos conceitos formais”. (CHIZZOTTI, 2014, p.125). É nesse sentido que o próprio Michel Foucault matiza que: “a crítica analisa os processos de rarefação, mas também de reagrupamento e unificação dos discursos” (FOUCAULT, 2014, p.61).

Nessa perspectiva analítica, tentar-se-á identificar e descrever como Mia Couto trabalha as questões históricas de Moçambique numa perspectiva da ficção literária, ou

seja, como o referido autor busca na tradição oral e escrita dos povos de sua nação, aspectos que possam fazer parte de suas tramas literárias (contos, romances e poemas). Nessa perspectiva por nós escolhida, encontramos apoio na concepção de François Laplatine, quando ele assim expressa:

O confronto da *antropologia* coma *literatura* é imprescindível. O *antropólogo*, que realiza uma *experiência* nascida do *encontro com o outro*, atuando como uma metamorfose de si é frequentemente levado a procurar formas narrativas (romanescas, poéticas e, mais recentemente, cinematográficas) capazes de expressar e transmitir o mais exatamente possível essa experiência. (2007, p. 174). (Os grifos são nossos).

Entretanto, queremos salientar que em nossa leitura antropológica do romance *O último voo do flamingo* (2005), não acontecerá uma instrumentalização da obra literária, pois teremos como base uma análise e interpretação literária e não uma leitura determinista ou factual. Pois como bem nos recorda Kwame Anthony Appiah:

A invocação da Antropologia como modelo teórico está fadada a levantar questões, no mínimo, de tato. Como reclamam os críticos africanos, a leitura antropológica parte, muitas vezes, de uma visão dos textos que encara a literatura como dado sociológico, simplesmente por ela não merecer nem exigir uma interpretação literária. (APPIAH, 1997, p.97).

Nesse sentido, o ensaísta e intelectual moçambicano Francisco Noa, ressalta que o exercício de interpretação literária, implica uma espécie de viagem, real ou simbólica, pelos contextos culturais dos quais os autores africanos são oriundos. Assim, para o referido autor:

[...] a interpretação literária é uma forma de conhecimento que amplia e aprofunda significativamente o campo da comunicação literária. Sem necessariamente ter que implicar olhares deterministas sobre o texto literário do ponto de vista antropológico, sociológico, histórico ou psicológico, a interpretação obriga a equacionar diferentes perspectivas que fazem conjugar os pontos de vista acima mencionados, sem que nunca deixe de ser colocado como dominante, o ponto de vista estético sob o risco de subversão da essência da própria literatura. (NOA, 2015, p. 22).

Antes de nos encaminharmos para uma conclusão da proposta de trabalho desenvolvida ao longo da formulação deste projeto de pesquisa, queremos pontuar a plausibilidade e viabilidade de nossa hipótese investigativa com a excelente reflexão de Antonio Geraldo Cantarela:

O campo da literatura tem se estabelecido como “área de fronteira” em relação a diversos domínios, especialmente aqueles que constituem o assunto e o foco das ciências humanas e sociais. Basta lembrar, como exemplo óbvio, o grande volume de teorizações acerca da relação entre literatura e história, ou entre literatura e antropologia social. Aí se discute, por exemplo, o caráter de construção que marca o discurso historiográfico e o discurso antropológico, o que os aproxima do fazer literário; ou no outro polo, os modos como a memória histórica ou os traços identitários de um grupo social transitam pelos textos literários, que podem assim ser lidos como “documentos” de seu tempo. (2010, p. 10). (Os grifos são do autor).

Por fim, queremos concluir com a sabedoria teórica-existencial expressada na reflexão de François Laplatine:

A abordagem antropológica provoca, assim, uma verdadeira revolução epistemológica, que começa por uma revolução do *olhar*. Ela implica um descentramento radical, uma ruptura com a ideia de que existe um “centro do mundo”, e, correlativamente, uma aplicação do saber e uma mutação de si mesmo. (2007, p. 22). (Os grifos são do autor).

É essa “revolução do olhar”, ou como bem matizou Georges Gusdorf: “essa ampliação do olhar” (1976, p. 25), que fundamentará, guiará e iluminará nossa abordagem e leitura antropológica da obra coutiana, pois a exemplo de Mia Couto, acreditamos que:

A poesia prova assim não ser apenas um gênero literário, mas um olhar revelador de mistério e uma sabedoria resgatadora da nossa profunda humanidade. A poesia é um modo de ler o mundo e escrever nele um outro mundo. Buscar iluminação na voz de um poeta já é um quebrar de armadilhas. (2011, p. 95).

## PLANO DE ATIVIDADE E CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

ETAPAS	OUT – NOV 2017	DEZ 2017 – JAN 2018	FEV – ABR 2018	MAIO – JUL 2018
Levantamento bibliográfico	<b>X</b>			
Pesquisa documental		<b>X</b>		
Organização do trabalho			<b>X</b>	
Redação do trabalho			<b>X</b>	<b>X</b>
Revisão / redação final / entrega				<b>X</b>

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. *A tradição viva*. In: KI-ZERBO, Joseph (Org). **História Geral da África**. São Paulo; Paris: Ática; Unesco, 1982. p.182-218.

BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. – Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. 316 p.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: editora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 1998.

BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. 47. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

BONNICI, T. *Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais*. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 1, p.07-23, 1998.

\_\_\_\_\_. *Avanços e ambiguidades do pós-colonialismo no limiar do século 21*. *Léngua & meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UEFS, v. 4, no 3, 2005, p. 186-202. Disponível em:<[http://www2.uefs.br/ppgldc/revista3\\_186.html](http://www2.uefs.br/ppgldc/revista3_186.html)> Acesso em 04.out. 2017.

CABAÇO, José Luís. *Moçambique: identidade, colonialismo e libertação*. – São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CANTARELA, Antonio Geraldo. *O caçador de ausências: o sagrado em Mia Couto*. Belo Horizonte, 2010. 184f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

CAVACAS, F. CHAVES, R. MACEDO, T. *Mia Couto: um convite à diferença*. São Paulo: Humanitas, 2013.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. 6.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

COELHO, João Paulo. *Da violência colonial ordenada à ordem pós-colonial violenta pós-colonial violenta: Sobre um legado das guerras coloniais nas ex-colônias portuguesas*. *Lusotopie* 2003: 175-193. Disponível em<<<http://lusotopie.sciencespobordeaux.fr/borges2003.pdf>>> Acesso em 02. out. de 2017.

COUTO, Mia. *O último voo do flamingo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. *E se Obama fosse africano? e outras interinvenções*. Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. *Repensar o pensamento, redesenhando fronteiras*. In: **Pensar a cultura**. Org. Cassiano Elek Machado. – Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013. p.196-206.

\_\_\_\_\_. Nas Pegadas de Rosa. **Scripta**, [S.l.], v. 2, n. 3, p. 11-13, 1998.  
Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10213>>.  
Acesso em: 04 Out. 2017.

DEMO, Pedro. *Introdução à metodologia da ciência*. 2. ed. – São Paulo: Atlas, 1987.

DOMINGOS, Luís Tomás. *Desafios da educação na África: Moçambique e sua busca por alteridade*. In: Cá e Acolá: experiências e debates multiculturais / Gledson Ribeiro de Oliveira, Jeannette Filomeno Pouchain Ramos e Bruno Okoudowa [organizadores] *et al ...* – Fortaleza: Edições UFC, 2013. p.58-86.

FERNANDES, Aliana; GUIMARÃES, Flávio Romero; BRASILIERO, Maria do Carmo Eulálio (Org.). *O fio que une as pedras: a pesquisa interdisciplinar na pós-graduação*. – São Paulo: Ed. Biruta, 2002. 162p.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Mia Couto: Espaços Ficcionalis/ Maria Nazareth da Fonseca Soares, Maria Zilda Ferreira Cury*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio – 24 ed. São Paulo: Edições Loyola. 2014 (Leituras Filosóficas).

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 2002.

GUSDORF, Georges. *Prefácio*. In: JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 7-27.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: editora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2009.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo. Ed. Loyola. 25ª ed. 2014.

LAPLATINE, François. *Aprender antropologia*. 20. reimpr. Trad. de Marie-Agnés Chauvel; prefácio de Maria Isaura Pereira de Queiroz. – São Paulo: Brasiliense, 2007 [1988].

LEITE, Ana Mafalda. *Literaturas africanas e formulações pós-coloniais*. (Extra-coleção). Edições Colibri, 2ªed. 2013.

MATA, Inocência. *A literatura africana e a crítica pós-colonial: reconversões*. Maputo: Editora Nizila, 2007.

MAY, Rollo. *A psicologia e o dilema humano*; Trad. de Carlos Alberto Silveira Netto Soares, 12 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MENESES, Maria Paula. *Nação e narrativas pós-coloniais: interrogações em torno dos processos identitários em Moçambique*. **In: Nação e narrativa pós-colonial: Angola e Moçambique**. Org. Ana Mafalda Leite... [et al]. – v.– (Extra –coleção). 1º v.: Ensaios. Edições Colibri. – p. 311-322.

\_\_\_\_\_. *Os sentidos da descolonização: uma análise a partir de Moçambique*. OPSIS, [S.l.], v. 16, n. 1, p. 26-44, ago. 2016. ISSN 2177-5648. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/Opsis/article/view/36904>>. Acesso em: 04 out. 2017. doi:<https://doi.org/10.5216/o.v16i1.36904>.

MOELLWALD, Branca Cabeça Egger. *A poiesis da nação em Mia Couto: fragmentos de um olhar*. Florianópolis, 2008. 240f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. – Ed. revista e modificada pelo autor – 8ª ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2005, 350 p.

MUDIMBE, V. Yves. *A invenção da África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento*. Lisboa: Mangualde (Portugal), Luanda (Angola): Edições Pedagogo; Edições Mulemba, 2013.

NOA, Francisco. *Perto do fragmento, a totalidade: olhares sobre a literatura e o mundo*. – São Paulo: Editora Kapulana, 2015a. – (Coleção ciências e artes)

\_\_\_\_\_. *Império, mito e miopia: Moçambique como invenção literária*. – São Paulo: Editora Kapulana, 2015b. – (Coleção Ciências e Artes).

\_\_\_\_\_. *O poder do discurso e a arte da narração na ficção moçambicana*. **In: Uns e outros na literatura moçambicana: ensaios**. – São Paulo: Editora Kapulana, 2017. – (Série Ciências e Artes). p.75-87.

\_\_\_\_\_. *Uns e outros: imaginário, identidade e alteridade na literatura moçambicana*. **In: Uns e outros na literatura moçambicana: ensaios**. – São Paulo: Editora Kapulana, 2017. – (Série Ciências e Artes). p.121-133.

THOMAZ, Omar Ribeiro. *Contextos cosmopolitas: a sociedade colonial e a invenção de Moçambique (1930-1961)*. São Paulo: CEBRAP, 1999.

RIBEIRO, Maria de Fátima Maia. *Discursos sobre “África” e fantasmagorias coloniais em obras de Mia Couto e Pepetela*. **In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia; VECCHIA, Rejane (Orgs.). A Kinda e a missanga: encontros brasileiros com a literatura angolana**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Luanda: Nzila, 2007. p. 241-257.

RUIZ, João Álvaro. *Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos*. – 6. ed. – São Paulo: Atlas, 2006.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. – 23. ed. rev. e atual. – São Paulo: Cortez, 2007.

SHEILA, Khan. *Espaços em branco, memórias subterrâneas da “História” de Moçambique*. Revista TEL, Irati, v.7, nº 2, p.219-232, jul./dez. 2016. Disponível em <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/tel/article/view/9264/6065#.WdSqC1tSzIU>>

Acesso em: 04. out.2017.

ZAMPARONI, Valdemir. *De escravo a cozinheiro: colonialismo & racismo em Moçambique*. 2ª.ed. – Salvador: EDUFBA: CEAO, 2012.

## **ANEXOS:**

### **LISTA DE REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS A SEREM CONSULTADAS/ DISSERTAÇÕES E TESES SOBRE O ÚLTIMO VOO DO FLAMINGO**

**BARROS**, Raimundo Nonato Oliveira. **MACHADO**, M. N. M.. *Poder marginal: o discurso da equidade e desigualdade sociais em O Último Voo do Flamingo, de Mia Couto*. In: Anais do III Simpósio Internacional sobre análise do discurso, Belo Horizonte, 2008. v. 1. p. 1-14.

**BORGES**, Gecimar Pereira. *Caminhos minados - Uma poética da terra no romance O Último voo do Flamingo de Mia Couto*. (Dissertação Mestrado em Letras). Universidade Federal de Uberlândia, UFU, Brasil, 2012. Disponível [online](#). (acessado em 15.2.2015).

**CAMPOS**, Josilene Silva. *As representações da Guerra Civil e a Construção da Nação Moçambicana nos Romances de Mia Couto (1992-2000)*. (Dissertação Mestrado em História). Universidade Federal de Goiás, UFG, Brasil, 2009.

**CEREZER**, Marcia Cristina. *A representação do estrangeiro nas obras O Último Voo do Flamingo e O Outro Pé da Sereia, de Mia Couto*. (Dissertação Mestrado em Letras). Universidade de Passo Fundo, UPF, Brasil, 2010. Disponível [online](#). (acessado em 4.5.2015).

**FREIRE**, Hadassa dos Passos. *A Busca da Identidade Nacional em O Último Voo do Flamingo, de Mia Couto*. (Dissertação Mestrado em Letras e Linguística). Universidade Federal de Goiás, UFG, 2014.

**FREIRE**, Hadassa dos Passos; **DERING**, Renato de Oliveira. *Memória discursiva e os jogos de enunciação em O último voo do flamingo, de Mia Couto*. In: Bruna Cunha; Renato Dering; Rodrigo Machado; Thaís Silva. (Org.). *Vicissitudes literárias na criação da narrativa e no imaginário ficcional*. 1ª ed., São Paulo: Livrobites, 2012, v. 1, p. 105-119.

**FRITZEN**, Vanessa. *Literatura, história e memória em 'O último voo do flamingo', de Mia Couto*. (Dissertação Mestrado em Letras). Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, URI, 2013. Disponível [online](#). (acessado em 24.4.2015).

**FRITZEN**, Vanessa. *Da história para a literatura: as facetas do personagem Estêvão Jonas em 'O último voo do flamingo', de Mia Couto*. *Todas as Musas: Revista de Literatura e das Múltiplas Linguagens da Arte (Online)*, v. 1, p. 153-164, 2013.

**GUIMARÃES**, Flávia Maia. *Entre o receio da memória e o desejo da palavra: análise das obras O último vôo do flamingo e Um rio chamado tempo, uma casa chamada Terra, do escritor Mia Couto*. (Tese Doutorado em Teoria da Literatura). Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, 2009.

**JESUS**, Shirley Maria de. *Atropelada ou atropilada? A construção de narrativa de O último vôo do flamingo, de Mia Couto*. (Dissertação Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC Minas, Brasil, 2002.

**JESUS**, Shirley Maria de. *Os jogos de enunciado e enunciação no prefácio do romance O último vôo do flamingo, de Mia Couto*. *Cadernos CESPUC de Pesquisa - PUC Minas, PUC Minas - BH/MG*, v. 11, p. 152-168, 2001.

**NASCIMENTO**, Elisabete. *A poética do espaço-nação moçambicano em O Último Voo do Flamingo, de Mia Couto*. (Tese Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Brasil, 2005.

**OLIVEIRA**, Ana Maria Abrahão Santos. *Contrastes entre dois mundos: "O último voo do flamingo", de Mia Couto*. *Revista Outros Sertões*, v. 1, p. 131-134, 2012.

**OLIVEIRA**, Ana Maria Abrahão Santos. *Contrastes Entre Dois Mundos: O Fantástico Em "O Último Voo Do Flamingo", De Mia Couto*. In: *Anais da II Semana de Letras - UFJF*. Juiz De Fora/MG: Editora da UFJF, 2010. v. 1. p. 1-11.

**OLIVEIRA**, Ana Maria Abrahão Santos. *Enigma em Tizangara: o fantástico em "O último voo do flamingo", de Mia Couto*. In: *VII Painel Reflexões sobre o insólito na narrativa ficcional II Encontro Nacional O insólito como questão na narrativa ficcional*, 2011, Rio de Janeiro. *Anais do VII Painel Reflexões sobre o insólito na narrativa ficcional - II Encontro Nacional O insólito como questão na narrativa ficcional*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2010. v. unico. p. 13-20.

**OLIVEIRA**, Maura Eustáquia de. *O lugar da oralidade nas narrativas de Mia Couto*. (Dissertação Mestrado em Programa de Pós Graduação em Letras). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC Minas, Brasil, 2000.

**ORNELAS**, José das Neves. *Mia Couto no Contexto da Literatura Moçambicana Pós-Colonial*. In: NEMLA Spring Conference, 1995, Boston, 1995.

**PARRACHO**, Bianca Basile. *Vozes, mito, história: uma leitura da ambivalência em O último voo do flamingo, de Mia Couto*. (Dissertação Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 2014. Disponível [online](#). (acessado em 1.5.2015).

**PIMENTA**, Dionisio da Silva. *Nação em processo e identidades em trânsito: a face pós-colonial em O último voo do flamingo de Mia Couto*. (Dissertação Mestrado em Estudos de Literatura). Universidade Federal de São Carlos, UFSCAR, 2013. Disponível [online](#). (acessado em 24.4.2015).

**SEVERO**, Renata Trindade. *Análise Semiolingüística de O Último Voo do Flamingo: construção paratópica de uma nação em estado de ficção*. (Dissertação Mestrado em Lingüística Aplicada). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, Brasil, 2008.

**TAVARES**, Cristiane. *Dossiê: Mia Couto - o sujeito pós-colonial na narrativa de Mia Couto*. Nau Literária: crítica e teoria de literaturas seer.ufrgs.br/NauLiteraria - PPG-LET-UFRGS, Porto Alegre, Vol. 7 nº 2, jul/dez 2011. Disponível [online](#). (Acessado 4.12.2012).

**Disponível em:** <<http://www.elfikurten.com.br/2015/05/mia-couto-fortuna-critica.html>> acesso em 19. jun. de 2017.